

*O pesadelo acordado das crianças palestinas
Leituras em Zacarias 8,1-8*

*The Waking Nightmare of Palestinian Children:
Readings in Zechariah 8:1-8*

Resumo

O artigo procura fazer uma aproximação entre a tragédia de Gaza, que atinge principalmente as crianças, e o texto de Zacarias 8,1-8 que apresenta, diante do imperialismo persa, promessas de recomeço a partir do espaço público, que envolve as crianças. A praça é o local por excelência da presença de Javé. A praça será lugar para aqueles que eram impedidos de viver: velhos e velhas e meninos e meninas ocuparão seus espaços na nova cartografia de Jerusalém. Mas para tanto a própria cidade de Jerusalém precisará passar por uma profunda transformação a fim de se construir e constituir a partir da verdade e da justiça. Não mais a violência e a morte. Na praça se respira vida longa às crianças e a todos os que vivem nas periferias da existência.

Palavras-chave: Palestina; Longevidade; Velhos e velhas; Meninos e meninas; Praça.

Abstract

The article tries to bring together the tragedy in Gaza, which mainly affects children, and the text of Zechariah 8:1-8, which present, in the face of Persian imperialism, promises a new start from the public space, which involves children. The square is the place par excellence of Yahweh's presence. The square will be a place for those who were prevented from living: old men and women and boys and girls will occupy their spaces in the new cartography of Jerusalem. But for this to happen, the city of Jerusalem itself will have to undergo a profound transformation to be built and constituted based on truth and justice. No more violence and death. The square breathes long life into children and all those who live on the peripheries of existence.

Keywords: Palestine; Longevity; Old men and women; Boys and girls; Square.

¹ Luiz Alexandre Solano Rossi é pós-doutor em Teologia (FULLER Theological Seminary) e em História Antiga (UNICAMP), doutor em Ciências da Religião (UMESP) e Mestre em Teologia (ISEDET/BsAs). Possui mais de 120 livros publicados no Brasil e no exterior. Professor no mestrado e doutorado em Teologia da PUCPR e no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: luizalexandrrossi@yahoo.com.br

Introdução

As crianças da Faixa de Gaza são as principais vítimas do conflito entre Israel e o grupo palestino Hamas. Assassinato, mutilação e sequestro de crianças seguidos de ataques a hospitais e escolas bem como a negação do acesso humanitário constituem, de fato e de verdade, graves violações dos direitos das crianças. Possivelmente certa esteja Butler ao dizer que vivemos em um mundo “radicalmente empobrecido” (2021, p. 37) e, acrescentaria, radicalmente empobrecido num mundo com uma forte capacidade de naturalizar acriticamente a tragédia da morte anunciada.

Se ao olharmos para Gaza e, em especial para as crianças, encontramos a humanidade sendo obscenamente degenerada, o texto de Zacarias 8,1-8 apresenta uma coleção de oráculos que tematizam a promessa de salvação consubstanciada na reconstrução de Jerusalém ao redor do templo e, ao mesmo tempo, procurando esboçar uma nova organização sociopolítica. Eram tempos difíceis. Tempo de exílio e de dor que traziam lembranças por demais desagradáveis e traumáticas. A partir de lembranças traumáticas e dolorosas o profeta irá se valer de promessas que elaboram um programa de esperança. Anti-imperialisticamente o profeta faz do espaço público o lugar apropriado para o surgimento da esperança subversiva. Tratava-se de um período de opressão sistêmica que, de acordo com Armstrong, pode ser descrita como possivelmente “a mais sutil forma de violência” (2016, p. 22).

O autor parece que está consciente de que o templo era o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Mas é necessário levar em consideração o que representaria o templo para o profeta. Para Zacarias a característica principal do santuário não era o altar sacrificial como nos tempos pré-exílicos. O santuário deveria ser o centro irradiador da verdade e da justiça. Um binômio que garantiria vida plena a todos, principalmente para os mais vulneráveis. Aos olhos do profeta o mais importante era “converter-se. Nesta conversão ocupa um posto capital o *aspecto ético*. O culto por si só não basta” (SICRE, 1998, p. 347). Neste contexto o profeta anuncia que as praças da cidade se encherão de velhos e velhas e de meninos e meninas, que nelas brincarão (Zc 8,4-5). A promessa de Deus é que ele resgatará o povo exilado, habitará no monte de Sião e estará presente no meio do seu povo: Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus em verdade e em justiça (Zc 8,8).

Porém, há uma distância abismal entre a promessa de esperança e a realidade. Crianças palestinas não brincam nas praças, ao contrário, são assassinadas. Do sorriso nasce a dor e dos jogos e brincadeira impõe-se o luto. Na desproporcionalidade do jogo político a tragédia se faz permanente. Said descreve da seguinte maneira a permanência da tragédia:

A tragédia palestina é territorial na medida em que uma outra pretensão – mais forte, mais estruturada e mais relevante no que se poderia chamar de jogo das nações – reclama o domínio não partilhável da terra. Mas também é uma

tragédia de negação e, em certo grau, de invisibilidade: a narrativa palestina é gradualmente apagada, escondida, suplantada por outra que lhe faz concorrência e, ao mesmo tempo, a substitui por representações reducionistas e caricaturais (2012, VIII).

O mundo do profeta Zacarias

A dominação persa marca o contexto da profecia de Zacarias. Provavelmente seu pano de fundo sejam os distúrbios que principiam depois da morte de Cambises, em 522 a.C., motivados pela sucessão ao trono. No interminável vai-e-vem dos impérios, os persas sucederam os babilônios na dominação da Mesopotâmia, em 539 a.C. A hegemonia babilônica foi de curta duração. Contudo, em seu auge, o soberano Nabucodonosor expandiu seu império em direção ao Egito. Judá, resistindo a essa expansão imperial e aliando-se ao Egito, torna-se também alvo da conquista. As consequências não tardaram a chegar: em 597 a.C., um primeiro grupo foi deportado, e em 587 a.C., Jerusalém foi completamente destruída. Na luta pela hegemonia internacional, uma pequena nação não conseguia resistir ao jogo dos interesses internacionais.

O declínio da Babilônia acontecia ao mesmo tempo em que a leste da Mesopotâmia se consolidavam os persas, sob a direção de Ciro. Em 550 a.C., derrotaram os medos e tomaram sua capital chamada Ecbátana. Dessa maneira, Ciro tornou-se senhor do império medo, que abrangia todo o Irã, parte da Mesopotâmia Setentrional, Armênia e Ásia Menor, até Hali. Depois de derrotar o rei Creso da Lídia, em 546 a.C., a soberania de Ciro estendeu-se sobre a Ásia Menor Ocidental. A conquista da Babilônia era uma questão de tempo. Em 539 a.C., Ciro atacou a Babilônia e derrotou seu último rei. Dessa maneira, seu domínio abrangeu o reino neobabilônico, ao qual também pertencia a Palestina-Síria. Cambises, filho e sucessor de Ciro, conseguiu, em 525 a.C., expandir o império persa até o Egito. Assim, todo o Oriente Próximo tinha sido submetido à soberania de um grande rei. Ao grande império persa estaria reservada uma duração de quase 200 anos. Na verdade, sob o governo de Nabônides (556-539) a Babilônia vivia um período de intensas desavenças internas. Povos escravizados (por exemplo, os judaístas deportados para a Babilônia) e setores dos próprios babilônios (por exemplo, parcelas do exército) aderiram à política de Ciro. Em 539 a.C. a capital Babel recebia Ciro triunfalmente. Foi recebido como libertador pelos sacerdotes de Marduc, e pelos judeus exilados, como um instrumento de Javé para libertar o seu povo (Isaías 45,1-7). A Mesopotâmia pertencia aos persas.

Novo rei representa uma nova forma de governar. Nesse sentido, a forma de Ciro governar em nada lembrava a de seus antecessores. A partir de Ciro estava sendo implantada uma nova estratégia política em relação aos povos dominados. Duas seriam as bases para se manter a unidade do império, a saber,

a arrecadação do tributo e a relativa autonomia das regiões e de seu culto religioso. Ao assumir o poder sobre o antigo reino de Judá, Ciro permitiu a volta dos exilados e a reconstrução do Templo de Jerusalém. Na verdade, Ciro não somente permitiu a reconstrução, como também viu nela um passo importante para a conquista do Egito, o que consolidaria definitivamente o império persa.

A política do novo império previa a restauração dos cultos dos povos dominados. Ao patrocinar o culto local, esperava conseguir algum consenso, pelo menos dos sacerdotes, para a sua administração. É claro que esse conceito de tolerância não pode ser levado ao pé da letra. Não se tratava de consideração legítima pelos outros, mas sim da percepção que o império mundial poderia melhor dominar e ser mais duradouro. Também não significava um regime frouxo. As rédeas estavam bem seguras pelo poder central. Os assuntos da política externa e o sistema de tributos permaneciam centralizados firmemente em Pasárgada, Persepolis, Susa ou Ecbátana. Ações autônomas das províncias que formavam o império não eram permitidas e, onde aparecessem, eram duramente reprimidas. Reinava ainda uma ordem hierárquica severa, e seria totalmente errado imaginar os reis como próximos ao povo por causa da tolerância. Eles eram déspotas diante dos quais todo mundo era tido como escravo. Todavia, nas questões da vida intelectual e religiosa dos povos subjogados, de sua peculiaridade e tradição, eles se evidenciavam como tolerantes.

O que parece um bem está, de fato, camuflando perigos insuspeitáveis. Afinal, a nova forma de política religiosa também se configura numa nova forma de dominação que servia aos interesses do império nascente e ao desequilíbrio do poder. Constrói-se um sistema balanceado entre a pseudo-autonomia local das províncias e o controle eficiente pelo poder central. De fato, o período persa pode ser considerado uma época de intensa miserabilização.

Zacarias significa “Javé se lembra”. Todavia, não somente Javé é apresentado na perspectiva da memória; também o próprio povo de Deus é convocado ao exercício constante da memória que leva ao encontro dos atos de Javé no passado. Zacarias viveu em um tempo de crise. A crise de um povo que se viu destruído, parte dele exilado, habitantes de uma terra arrasada pelos babilônios e recém-incluída na tributação persa; mas, ainda assim, dispostos a um processo de reconstrução. Contudo, não se pode falar apenas de reconstrução do Templo, mas sim também da grande importância que é dada à reconstrução afetivo-social da vida do povo. A ação de Zacarias pode ser estruturada em dois alicerces: a construção do templo e um programa de reconstrução afetiva e social do povo de Deus. Uma tarefa gigantesca, mas não impossível.

O profeta como animador da comunidade

Zacarias 8,1-8

¹A palavra de Javé dos exércitos foi dirigida nos seguintes termos. ²Assim diz Javé dos exércitos: Tenho muito ciúme de Sião; estou fervendo de ciúmes por sua causa. ³Assim diz Javé dos exércitos: Voltarei a Sião, habitarei em seu meio, Jerusalém. Jerusalém será chamada cidade da verdade, e a montanha de Javé dos exércitos terá o nome de Montanha Santa. ⁴Assim diz Javé dos exércitos: Velhos e velhas ainda se sentarão nas praças de Jerusalém, todos de bengala na mão por causa da idade. ⁵Mas logo as praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas a brincar pelas ruas. ⁶Assim diz Javé dos exércitos: Se isso parece impossível aos olhos do resto deste povo, seria impossível também para mim naqueles dias? Oráculo de Javé. ⁷Assim diz Javé dos exércitos: Eu estou libertando o meu povo dos países do nascer e do pôr-do-sol, ⁸e vou trazê-los de volta para morar na cidade de Jerusalém. Então eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles, na verdade e na justiça.

A expressão “Javé dos exércitos” cumpre um papel não somente estilístico, mas de importância teológica no texto. Para Hahlem & Ham “das 36 vezes que o nome divino Javé dos exércitos aparece em Zacarias, 15 ocorre no capítulo 8. A frequência do nome enfatiza o poder e suficiência de Javé em cumprir no futuro o que é humanamente impossível” (2006, p. 412).

Javé é um Deus zeloso (Ex 20,5; 34,14; Dt 4,24; 5,9). “Zelo” pode ser definido como uma forte resposta emocional de Javé diante de qualquer tipo de afronta contra suas prerrogativas, privilégios, domínio e soberania. Brueggemann (2007, p. 595) afirma que o fato de se nomear Javé como Deus zeloso significaria a própria identidade de Javé. Nesse viés identitário acompanho a percepção de Brueggemann:

Na indignação e na emoção que resguardam a peculiar pretensão de Javé de ser honrado, Javé se mostra intransigente. Javé atua com fúria, às vezes destrutivamente (...) Javé pode se sentir zeloso “por Israel” e, por conseguinte, pode ser movido por um intenso sentimento para intervir em favor de Israel e com a mesma paixão e ira voltadas contra Israel. Esta inclinação positiva para Israel é articulada com a mesma força que a inclinação potencialmente negativa que desata sua fúria destruidora (2007, p. 595).

O ciúme/zelo que levava Javé a executar seu castigo contra Israel estava agora ardendo para restaurar o elo da aliança. O templo seria novamente a moradia de Javé, e sua presença contínua e permanente asseguraria a fidelidade de Israel à aliança. Jerusalém seria chamada de “cidade da verdade”, ou ainda poderíamos usar a expressão sinônima do profeta Isaías “cidade da justiça” (Is 1,26). A presença de Javé na cidade é a chave para as dez promessas que seguirão com o objetivo de encorajar a vida e o trabalho de reconstrução realizado pelos trabalhadores. De acordo com Stuhlmüller o verbo “*sakhan*” traz algo de arcaico e que “nos dias do seminomadismo designava a morada familiar em ten-

das e a maneira em que inicialmente vivia Deus em meio ao seu povo e só posteriormente a expressão veio a adquirir a designação de Deus no templo” (1971, p. 154). No Antigo Testamento Javé é o sujeito do verbo “morar” (*sakhan*). Por 43 vezes permite compreender como uma presença graciosa imanente (Ex 24,16; 25,8; Dt 12,11; Sl 74,2; Ez 43,1-9).

Jerusalém é apresentada como o centro e o critério da verdade no meio da crise. A cidade ideal é insinuada pelo profeta: liberta do domínio estrangeiro, não precisará de muros de proteção e, nessa região ilimitada, haverá abundância de gado e de nova população. Segundo Pazdan (2001, p. 165) a presença de Deus dará origem a um novo nome para Jerusalém, a saber, “cidade da verdade” e “montanha da santidade”. Mudam-se os nomes porque a relação de Jerusalém e do templo com o povo pobre e vulnerável também deverá passar por mudança, ou seja, o que aconteceu com Jerusalém deve se refletir necessariamente nos espaços públicos a fim de garantir a longevidade e a qualidade de vida.

Quais mudanças a presença de Javé produzirá na cidade? As mudanças não podem ser consideradas cosméticas. Elas alcançam a profundidade do tecido social. A renomeação de Jerusalém demonstra que o caráter de Sião passará por profunda alteração. Somente Javé tem o poder e a autoridade para alterar a designação de Jerusalém (Is 62,3-4). Como primeira consequência da presença de Deus, Jerusalém se tornaria a “cidade da verdade”. Uma expressão caríssima ao Antigo Testamento pois, segundo Klein (2008, p. 234), trata-se de “uma frase única no Antigo Testamento”. Mas é preciso salientar que o retorno de Javé somente se concretizará se alguns impedimentos forem enfim desarticulados. Afinal, como Javé poderia habitar numa cidade e seu templo marcado pela infidelidade, injustiça e violência?

As crianças e os velhos nas praças serão um sinal da nova aliança. Teria Javé ficado com saudade da antiga aliança? Velhos/velhos e meninos/meninas não precisarão mais ficar trancados e calados nas casas, com medo dos inimigos. A vida não estará mais ameaçada, mas protegida e será plena. Crianças brincando na praça é um sinal claro de que há segurança. Dessa maneira, o profeta anuncia a chegada de um novo tempo simbolizada em Jerusalém, o centro do culto a Javé. Velhos com idade avançada, crianças brincando é uma perspectiva de uma população em crescimento, um bom sinal diante da dispersão após o exílio. Zacarias retoma a mesma perspectiva de Is 54,1-3,13 e de Jr 31,12: a promessa de crescimento da cidade e o aumento de sua população. As palavras do profeta se referem a um momento e a um lugar especial para os excluídos, integrando-os. No projeto de reconstrução socioafetiva, a destruição e a desolação não têm a última palavra e muito menos marcam o fim da história.

No entanto, vale a pena sublinhar que a presença de Javé trará especial alegria para tão somente dois grupos muito bem especificados: velhos e velhas e meninos e meninas (Am 5,16; Lm 2,11-12; Is 65,20; Sl 127,3-4; Jr 30,18-21). O ambiente urbano está na mente do profeta e se apresenta como essencial:

“o contexto para a reflexão a respeito dos tempos bons permanece a realidade urbana” (Petersen, 1984, p. 300). A revitalização do ambiente urbano somente se dará a partir dos mais frágeis. Nem a cidade e muito menos o templo terão algum valor se a vida na praça for negada ou negligenciada.

Se Jerusalém foi desabitada, agora ela terá uma população significativa. O autor deste oráculo usa uma técnica de mencionar dois extremos, isto é, menino e menina e velho e velha, para indicar a totalidade do grupo, ou seja, a totalidade da população. As performances descritas de cada grupo – descansar e rir/brincar – parecem sugerir uma existência confortável para aqueles que viviam nas periferias criadas pelos grupos de poder. O oráculo, portanto, parece-me moldado a fim de discutir as questões relacionadas à qualidade de vida. Os versos 4 e 5 indicariam um modo de vida construído a partir da qualidade de vida dos mais fracos de uma sociedade. Nesse caso, a medida da importância de uma cidade e de sua religião passaria necessariamente pelo modo como elas tratam aqueles que são menos considerados. O particípio traduzido por “jogar” é na verdade uma forma de *sahaq*, um verbo que frequentemente denota sorriso (Jó 5,22; 39,7; Sl 2,4; 37,13). Uma variante do verbo aparece em Gênesis recordando o sorriso de Abraão e de Sara ao ouvir que eles teriam um filho (Gn 17,17, 18,12.13.15).

A complementaridade sexual também é enfatizada nesta condição futura. Fala-se não somente de velhos, mas também de velhas. Não registra somente meninos brincando, mas também meninas. Os dois sexos coexistem em harmonia. E a harmonia surge exatamente numa localização específica. Trata-se da praça que é mencionada 3 vezes no oráculo (*rehobot*). Um local muito apropriado exatamente porque era nestes lugares abertos que os profetas anteriores compreendiam que a morte e a destruição ocorriam (Am 5,16; Jer 9,20; Lm 2,11-12). Ela traz a imagem de estabilidade e de prosperidade em contraposição a outras imagens deturpadas que povoavam o imaginário do povo quando da conquista dos babilônios. O papel das praças sinaliza uma mudança de papel na experiência judaíta do 6º século. O que era no princípio um símbolo para a degradação e derrota se torna símbolo de esperança. A esperança, portanto, se encontra no profano. Na profanidade da vida é que se deverá encontrar com a mais viva experiência de Deus. O espaço público é valorizado. Nele crianças e velhos estão unidos. O princípio e o final da vida se encontram; vitalidade e experiência; o chão da realidade está impregnado de vida!

Deus convida seu povo para fazer com ele uma nova aliança. Essa nova aliança está fundada na verdade e na justiça, a força capaz de trazer novamente a paz e a alegria. Essa aliança possui um duplo alicerce. O primeiro deles tem como base a verdade. Afinal, a verdade havia desaparecido das praças da cidade e do portão (Is 57,4; 59, 12-15). O julgamento verdadeiro que deveria pautar as relações pessoais não estava mais presente. O segundo alicerce tem como base a justiça. É igualmente uma necessidade fundamental para a unidade do povo,

haja vista a injustiça que marcava profundamente a vida do povo. O novo êxodo anunciado pelo profeta deverá atingir todos os pontos da dispersão. A promessa está direcionada na perspectiva dos exilados e da diáspora. Assim sendo, para o profeta a liderança e a hegemonia do projeto de reconstrução cabem aos exilados; é a partir deles que se fará a renovação da aliança.

Isaías 1,21-26 pode ser visto como o contraponto do texto de Zacarias. Contraponto com aqueles que praticam a injustiça. Eles são chamados de “meus inimigos” e “meus adversários”. A cidade da justiça e da verdade já não mais cumpre com seu papel. Nela reside a morte e a violência. Não há mais alegria nas praças. As palavras acerca de Jerusalém lidas no profeta Isaías são demasiadamente fortes: “prostituta”, “cheia de criminosos”, “chefes são bandidos”, “não fazem justiça”. Todavia, em Zacarias, por duas vezes o profeta utiliza a expressão “meu povo” nos versos 7 e 8. Penso que são grupos distintos. A literatura bíblica não pensa em todo o povo quando utiliza tais expressões. Os adversários e inimigos são, de fato, aqueles que causam as dores públicas e afastam as brincadeiras das praças, assassinando as crianças.

Todavia, as promessas que dão forma ao futuro do povo também exigem uma forte prática da justiça no presente. A promessa de futuro melhor está umbilicalmente ligada à construção do presente a partir da justiça. Promessa e ética estão em estreita interdependência. No texto de Zacarias encontramos duas prescrições positivas seguidas de duas prescrições negativas, indicando que relações francas e de confiabilidade permitem a construção de uma sociedade estável. Ao contrário, vingança, ódio e provas falsas apressam a falência da coletividade e colocam em xeque o futuro. Nesse sentido sigo Sicre (1984, p. 581) ao formular a pregação de Zacarias e demonstrar que o profeta se limita tão somente aos aspectos sociais: a) julgai com retidão e justiça; b) cada um trate com afeto e carinho o seu próximo; c) não oprimis a viúva, o órfão, o emigrante e o pobre; d) ninguém maquine maldades contra seu próximo.

A destruição da cidade de Jerusalém foi a manifestação da justiça de Javé diante da desobediência dos pais. No amplo marco da vida diária, Jerusalém deixou que sua atividade e seus sentimentos não se orientassem para o bem do próximo. Dessa forma, Zacarias ousa propor e, acertadamente, que a transgressão ao bem do próximo é a única causa da ruína da cidade (Zc 1,2; 7,12). Todavia, Deus está pronto para fazer o bem e consolar seu povo, mas são necessárias a obediência e a prática da justiça. Dizer a verdade para o seu próximo é uma maneira de normatizar o relacionamento dentro do clã. Afinal, a injustiça e a mentira afastam os irmãos e impedem o crescimento da solidariedade. Nesse contexto, compreende-se por que Zacarias insiste tanto na boa ordem e na paz social a partir da praça.

Novos tempos para ontem e para hoje

A imagem da praça é ainda muito atual. Na promessa anunciada pelo profeta, praça é um lugar público, aberto, seguro e lúdico. Lugar público onde as crianças vão brincar e não morar, como acontece hoje, lugar de violência e não de confiança. Meninos e meninas brincam livremente. A promessa é um contradito que tem o poder de subverter a escravidão. Aqui brincar tem duplo sentido de libertação: direito da infância e sinal de liberdade. Neste texto de Zacarias chama a atenção à linguagem inclusiva, nada comum nos textos bíblicos: velhos e velhas, meninos e meninas. Despontam a relação entre criança e idoso. Não são polos opostos, independentes e sim complementares. Grupos que se exigem para formar o tecido social. Todos os habitantes, mesmo os mais fracos e indefesos da sociedade (especialmente estes), podem viver seguramente.

Atualmente milhares de crianças palestinas estão privadas de viverem e crescerem com dignidade. Como encontrar sorrisos em terra tão inóspita e geradora de violência, exclusão social e criadora de periferias? Butler aponta uma possível direção ao dizer que “o sofrimento dos outros formula a substância da exigência ética que nos é imposta continuamente” (2021, p. 49).

Seria possível pensar que crianças brincando nas praças seriam sinais visíveis da presença de Deus? A invisibilidade delas impede que vejamos a Deus e, conseqüentemente, correremos o risco de descartá-las como dispensáveis. A distância que mantemos dos idosos e das crianças é um possível reflexo do quanto já nos esquecemos da advertência de Jesus quanto a isso: “Houve entre os discípulos uma discussão, para saber qual deles seria o maior. Jesus sabia o que estavam pensando. Pegou então uma criança, colocou-a junto de si, e disse a eles: Quem receber esta criança em meu nome, receberá a mim. E quem me receber, receberá aquele que me enviou. Pois, aquele que é menor entre vocês, esse é o maior” (Lucas 9,46-50). Jesus também nos surpreende com outra declaração: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do céu pertence a elas” (Mt 19,13). Surpreendentemente o Reino é transformado num playground para crianças. Nessa praça transformada em “parquinho de criança” a presença de meninas e meninos e velhas e velhos indica a presença de Deus e, conseqüentemente, do Reino de Deus.

Numa sociedade em que crianças são friamente assassinadas, a esperança do profeta Zacarias é mais do que bem-vinda.

Conclusão

Gaza está se tornando um cemitério de crianças. Praticamente todas as crianças na Faixa de Gaza foram expostas a traumas que jamais serão curados. Cicatrizes e sequelas que levarão por toda a vida. Sobrevivem, corajosamente, mesmo com a escassez de alimentos, água e medicamentos. Seja no passado quanto no presente as forças de ocupação israelenses matam, mutilam, deixam

órfãs e detêm centenas de crianças no território palestino ocupado todos os anos. As mãos dos soldados do exército de Israel estão borrifadas de sangue de cada criança assassinada.

Mais de 10 mil crianças mortas. Muitas delas antes que pudessem dar os primeiros passos, foram assassinadas com apenas 1 ano. Em meio ao caos, o sangue das crianças martirizadas clama por justiça. O rosto de cada criança carrega sua própria vulnerabilidade e, por isso mesmo, impõe uma obrigação ética a todos os que o contempla. Para as crianças nominadas abaixo, apenas uma fração dos nomes das 10 mil crianças, as brincadeiras nas praças jamais acontecerão.

Abdel Rahman Iyad Abdel Rahman Abu Jalal
Abdul Rahman Abdul Aziz Yahya Al Balawi
Abdullah Ibrahim Khaled Al-Dali
Abdullah Khalil Abdullah Abu Hayya
Abeer Ibrahim Khalil Meema
Adam Bakr Nasr Al-Sarhi
Adam Ezzat Muhammad Warsh Agha
Adam Shawkat Mahmoud Al-Rantisi
Adi Adam Jamal Abu Al-Naga
Ahmed Amin Ahmed Abdel-Al Muharram
Ahmed Mahmoud Ayman Al-Jayeh
Ahmed Mohammed Mohammed Khalifa
Ahmed Mustafa Ahmed Sheikh Al-Eid
Ahmed Nazir Shawqi Shaaban
Ahmed Thaer Sobhi Ghareeb
Ahmed Yasser Ahmed Abu Halhoul
Akram Muhammad Moin Al-Harkali
Al-Baraa Muhammad Samir Abu Taima
Ali Tariq Mahmoud Radwan
Alma Khaled Kamal Rashwan
Alyan Muhammad Alyan Al-Bayouk
Amir Iyad Saeed Al-Naffar
Amir Muhammad Mustafa Othman
Amir Omar Zakaria Al-Astal
Amir Rifaat Omar Abu Shab
Amira Ibrahim Salah Abu Awad
Amira Muhammad Samir Abu Ajwa
Amna Shawqi Rajab Iqdih
Anas Muhammad Mahmoud Al-Derawi
Aseel Ahmed Mahmoud Radwan
Aseel Iyad Nabil Omran
Aseel Muhannad Amin Al Agha
Asia Hassan Hamdi Al-Hinnawi
Atef Mohamed Atef Muammar

Atta Mohieddin Atta Darwish
Aya Ahmed Nawaf Al-Najjar
Aya Muhammad Hussein Ashour
Ayla Ahmed Ali Obaid
Ayla Saeed Saleh Abuelaish
Ayman Ahmed Ramadan Al-Masry
Ayman Muhannad Ayman Ismail
Badr al-Din Badr Muhammad al-Amrain
Baraa Mahmoud Nasser Shehadeh
Baraa of Muhammad Walid Abu Shuaib
Basma Muhammad Ibrahim Abu Sharia
Bilsan Noman Suleiman Haboush
Carmel Hamid Khaled Al-Bayaa
Celine Ismail Muhammad Al-Mutawq

...

Bibliografia

- Armstrong, K. (2016). *Campos de sangue. Religião e a história da violência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brueggemann, W. (2007). *Teología del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme.
- Butler, J. (2021), *Caminhos divergentes. Judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo.
- Hahlen, M.A. & Ham, C.A. (2006). *Minor Prophets*. Volumen 2: Nahum-Malachi. NY: College Press Publishing Co.
- Klein, G.L. (2008). *Zechariah*. NY: B&H Publishing Group.
- Koch, K. (1984). *The Prophets. The Babylonian and Persian Period*. Philadelphia: Fortress Press.
- Pazdan, M.M. (2001). *Zacarias*. In: Comentário Bíblico. Bergant, D. & Karris, R. São Paulo: Loyola.
- Petersen, D.L. (1984). *Haggai and Zechariah 1-8*. Philadelphia: The Westminster Press.
- Rossi, L.A. (2008). *Como ler o livro de Zacarias*. São Paulo: Paulus.
- Said, E.W. (2012). *A questão Palestina*. São Paulo: UNESP.
- Sicre, J.L. (1990). *Justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas.
- Sicre, J.L. (1988). *Profetismo en Israel*. Estella: Editorial Verbo Divino.
- Stuhlmüller, C. (1971). *Zacarias*. In: Comentario Bíblico San Jerónimo. Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- www.luteranos.com.br/conteudo/zacarias/8-1-8 acessado em 18/06/2014 às 13h29.